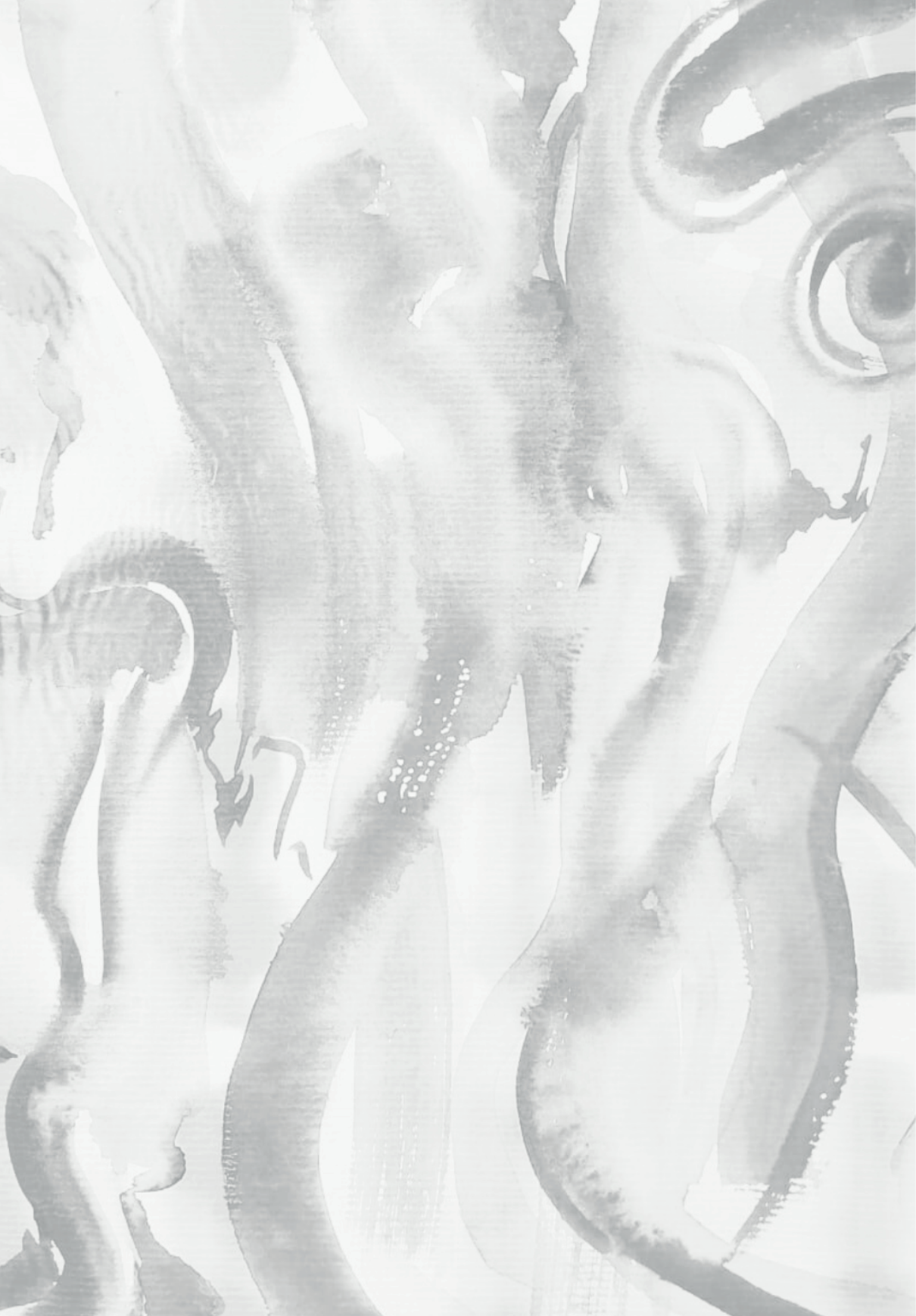


Capítulo 5

DE PONTO EM PONTO SE CHEGA AO DESTINO

Viviane Perdomo Santos (CBNB)





DE PONTO EM PONTO SE CHEGA AO DESTINO

O que seriam das pessoas se não fossem suas memórias, através das vivências elas se formam e marcam nossa vida para sempre. Essa é a história de uma estudante que virou professora; uma leitora que se descobriu poeta; uma filha que se tornou mãe; uma “bicho do mato” que virou bióloga; a menina que se construiu mulher.

Ser professora, para mim, foi algo “natural”, não por família, descendência, mas por gosto e admiração. Não me recordo em que momento decidi, mas não lembro de ter tido outro sonho tão perspicaz.

Acredito que a união de professora e bióloga tenha nascido das vivências de outrora, uma vida em meio rural, no bairro Vila Candoza, no município de São Gonçalo - RJ. Caminho traçado desde os moinhos construídos nas quedas d'água após a chuva forte, a serralha e a banana colhidas no quintal, a boneca feita pela minha avó, com algodão cheio de sementes, que esquecida na chuva brotara.

Minha trajetória de saberes formais iniciou em uma escola “arranjada”, espaço de uma igreja transformado pela prefeitura em escolinha de educação infantil, conhecido na década de 80 por jardim de infância. As tias Aldair e Marli foram as primeiras a organizarem letras e números em minha mente, me apresentaram desenhos, cores e brinquedos através de novas perspectivas. A memória olfativa e do paladar também foram ativadas, pelo mingau de chocolate servido na merenda, muitas vezes feito pela minha mãe, que era merendeira voluntária.

A vida vai passando, dando carona, parando de ponto em ponto, inúmeros embarques e desembarques, e assim vamos sendo arrastados caminho afora.

E foi à sombra de uma caramboleira, em uma escolinha “fundo de quintal” que fui alfabetizada, pela professora Arlete, da qual recebi um livro de contos de fadas que mudou minha trajetória de vida, e foi neste mundo encantado que iniciei minha paixão pela leitura. Em dias chuvosos pingava água no caderno, pois a sala era uma garagem, sem paredes laterais, ouvia os pássaros e ficava pensando em quando poderia pegar a carambola que acabara de cair no chão. Assim as palavras foram surgindo, se transformando em frases, textos... minha vida. Considero a leitura e a escrita parte da nossa personalidade, cultura, crescimento, ninguém deveria ser privado des-

te “poder” de interpretação do mundo.

As memórias são escolares, acadêmicas, mas o que seriam delas sem o meio familiar, seja qual for sua constituição ou formação, são pilares necessários à nossa construção.

Fui agraciada por uma família amorosa, longe de ser perfeita, mas unida, entre gritos e sorrisos, paciência materna e dedicação paterna, duplamente cuidada e amada! Temporão, de 3 irmãos, que sempre foram meus espelhos e orgulho.

Além da caramboleira, uns quilômetros (km) a mais de distância fui em busca do ensino fundamental, 1ª série, experiência que muito me marcou. Talvez pela novidade, medo típico de uma “bicho do mato” ou questão de destino mesmo, tive meu primeiro embate no meio formal de ensino, odiei com todas as forças o CIEP, conhecido também como Brizolão. Eu me perdia pelos corredores, não me identificava com a estrutura física e os arredores da escola. Acho que me senti engolida, hoje analiso se pela amplitude do espaço ou a falta de perspectiva positiva do momento. Lembro da minha letra imensa no caderno, onde as lágrimas caíam e da grade verde-escura onde machuquei meus dedos, balançando “pirraçamente”, para minha mãe me levar de volta pra casa.

De certa forma deu certo, minha mãe acreditou na minha angústia e me tirou do CIEP, me colocou em uma escola estadual, a Escola Estadual Prof. Adélia Martins, no bairro Coelho - SG. E assim meu caminho se tornou mais longo, literalmente, a escola era mais distante, mas também muito mais promissora. Tenho infinitas lembranças e influências do meu ensino fundamental, escrevendo estas linhas me pego em profundo saudosismo, vontade de reencontrar cada professor e dizer o quanto foram importantes e inesquecíveis na minha vida. Ao longo dos anos fui me esquecendo dos nomes, mas guardo um pouquinho de cada um.

Ainda sinto o cheiro do pão de hambúrguer na chapa com manteiga, da cantina da escola, nem sempre tinha dinheiro para comprar, por isso dava muito valor quando conseguia. A merenda da escola era maravilhosa, hoje eu sei, comida temperada e gostosa, não dava tanto valor na época. Comia de forma saudável e de graça, agradeço muito por isso em minha trajetória escolar.

E assim se passaram a 1ª e 2ª séries, me adaptando e conhecendo a escola, ampliando meus conhecimentos iniciais de letramento e de mundo.

Na 3ª série (1990), com a prof. Ana Lúcia, fiz meu primeiro plantio coletivo, plantei um pé de manga em um elevado de terra que havia na escola. Tive o prazer de vê-lo crescer e dar frutos. Eu frutifiquei junto dele, ano após ano, sem repetir, lidando com minhas estações de cultivo.

E o livro de contos de fada continuava me fazendo companhia, sempre o lia e rabiscava alguns desenhos com canetinhas de hidrocor, que eram raras, não tinha acesso a muitos bens de consumo, minha vida era simples e magicamente abundante.



No 4º ano iniciei a saga de ficar em recuperação em matemática, isso me perseguiu até a 8ª série, final do ensino fundamental II, o antigo 1º grau. Minha 5ª série foi marcada pela prof. Cristina, de português, onde aprendi verbo cantando “Eeeeu canto, tu cantas, ele canta, ele canta...” e fui apresentada à música Aquarela, de Toquinho, a reescrevi por completo no caderno e cantarolava até decorar, nunca mais a vi como uma música qualquer. Sempre tive influência, através dos meus irmãos (bem mais velhos), da MPB e do rock, embora tenha tido meu momento funkeira, com o batidão da Furacão 2000. E assim, fui vivenciando a música como notas sociais, de cultura e diversão.

Também foi neste ano, 1992, que um acontecimento global aconteceu no Rio de Janeiro e acredito que tenha influenciado nas minhas escolhas futuras, a Eco-92, A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Recebemos na escola agendas personalizadas e adesivos, lembro de como fiquei encantada com tudo aquilo, andávamos pela escola e conversávamos sobre a temática. Não nos damos conta que muitas

vezes é a escola responsável pelos momentos de deslumbre de uma criança, o oferecimento do que a família não é capaz de prover, por várias circunstâncias culturais, sociais, religiosas etc.

Fui criada brincando na rua com amigos da vizinhança, mas ouvindo sempre a voz do meu pai e da minha mãe me chamando para entrar quando dava a hora, meu limite, mesmo sem muros na minha casa, sabia que ali era uma fortaleza, onde eu era cuidada e amada, claro que era um “saco”, mas ainda bem que foi assim, as intempéries são menores, mesmo exposta ao tempo.

Na 6ª série tive uma fase meio rebelde, com a turma do “te pego lá fora”, nunca gostei de brigar, por inúmeras vezes ia me esconder na biblioteca, mas nem por isso deixei de visitar a coordenação, minha mãe foi chamada na escola, e agora não era para ajudar na merenda rs rs frutos de um pensamento rápido e uma língua afiada... assim como frutifiquei, amadureci.

Posso dizer que na 7ª série (1994) aprendi a estudar, comecei a me juntar com um grupo de amigas que faziam os trabalhos escolares com responsabilidade, com certeza elas não sabem da influência que tiveram em minha vida. Por conta das idas à biblioteca e sugestões de leitura para as avaliações, por parte dos professores de português e literatura, descobri meu segundo mundo encantado, além das fadas, os clássicos da literatura brasileira. O primeiro livro lido foi “Bola de gude”, de Leir Moraes, após este me apaixonei pela “Ladeira da saudade”, de Ganymédes José; a “Moreninha”, de Joaquim Manoel de Macedo; “A marca de uma lágrima”, de Pedro Bandeira, e outros. E a ascensão de solitude surgiu com o “Escaravelho do Diabo”, onde descobri a coleção Vagalume, que trazia uma série de livros e na biblioteca tinham vários deles.

A partir dos romances descobri a poesia, e já na 8ª série, último ano do 1º grau, minha vida já não era mais a mesma, agora vivia imersa nas leituras, a rebeldia havia dado uma trégua, os amores ficaram mais concretos e os estudos mais sérios. Nesta mesma série lembro do professor Manoel de geografia, que fazia a gente desenhar mapas regionais e o mapa mundi, como verdadeiras obras de arte, era uma reclamação só. Lembro das pinceladas com a tinta guache na cartolina e de me situar geograficamente, a arte sempre teve espaço de memórias em mim. Comecei a vislumbrar o que antes não me cabia, horizontes surgiram e ser professora estava mais próximo do que imaginava.

Enfim, entre muitas “futricagens”, rebeldias e aprendizagens o ensino fundamental se despediu, formatura, adeus 1997. Bem-vinda ao ensino médio!

E mais uma vez pedi carona à vida, desta vez escolhi detalhadamente meu acento e desci exatamente onde eu queria... no curso normal, da Escola Estadual Clélia Nanci, no bairro Brasilândia, em SG. Foi a primeira vez que tive a sensação de pertencimento e de conquista. Agora a muitos km da minha casa iniciava o meu sonho de ser professora. Estudava em ambos os turnos fazendo estágio. Amava cada disciplina nova da grade, didática, metodologias, filosofia da educação...

Já no 1º ano me deparei com um professor de biologia maravilhoso, com aulas práticas, me encantei pela disciplina, mas um ponto para a escolha do que eu seria no futuro. Conheci a biblioteca e de cara fiquei apaixonada, com sofás, pufes, muitos livros... como amei aquele espaço, por ali criei morada até meus últimos dias na escola.

Minhas leituras me fizeram viajar por todo o país acompanhando os clássicos da literatura brasileira até que ousei voar além das fronteiras com William Shakespeare, Agatha Christie, Sidney Sheldon e outros. Neste período também era viciada em romances de banca de jornal (Sabrina, Julia etc.) que havia aprendido a ler com a minha irmã (10 anos mais velha que eu), trocava duas vezes por semana na banca de jornal, no centro de SG, o trajeto até em casa era mais de uma hora e sempre ia lendo, sem contar o tempo de demora do ônibus.

No 2º ano a escola promoveu um concurso de poesia, ganhei em 2º lugar, o prêmio foi um montante de livros, alguns tenho até hoje. Escrever nesta época era meu desabafo, foi minha terapia sem saber que era. Tive como inspiração poetas e escritores como Castro Alves, Vinícius de Moraes, Affonso Romano de Sant’Anna, Lygia Fagundes Telles, Florbela Espanca, Álvares de Azevedo, Jorge Amado, Graciliano Ramos, José de Alencar, Guimarães Rosa e tantos outros.

Ao longo do ensino médio fui conhecendo os autores que me seguiram além da graduação, nos concursos da vida, foi ainda no 2º grau que conheci Marina Colasanti, Emília Ferreiro, Paulo Freire, Freud, Montessori, Anísio Teixeira, Skinner etc. Foram 3 anos estudando as mudanças, contradições e contribuições entre as linhas pedagógicas do tradicional e construtivismo.

No ano 2000, término do ensino médio, 2º grau, aconteceu um evento que muito me marcou na escola, as alunas (minha turma era toda de meninas) com maiores notas foram convocadas a dar aula em escolas públicas, para finalizar o ano letivo, havia falta de professores. Não lembro a quantidade chamada, não fui por pouco, mas lembro bem do quanto fiquei arrasada. Importante ratificar que a persistência e continuidade são pilares para a conquista de algo.

Também neste ano perdi o meu pai, mas essa história começou um pouco antes, ainda no 2º ano, meu pai foi diagnosticado com câncer de próstata e foram muitas idas e vindas ao hospital. Nesse período tive o prazer de ter ao lado a prof. Luciana, de metodologia da matemática, que ao me ver olhando vagamente pela janela perguntou qual era o problema, justificando que eu não era aluna de ignorar sua aula, e pelo jeito ela não era professora de ignorar um aluno, que bom por isso, ela foi muito importante nesse processo de perda e luto. Foi um período conturbado, muitas noites sem dormir, visitas ao hospital e, presenciar, uma de minhas fortalezas desmoronar, foi devastador. Em setembro deste mesmo ano, em um dia ensolarado e florido, meu querido pai se despediu. Foi um ano tão caótico, que confesso ter sentido a calma após a tempestade e foi com leveza que se deu o luto, o seu tempo de sofrimento foi nosso desespero maior. Esse momento não foi escolar, mas foi neste ambiente que senti parte do afeto necessário. Só pra fechar este furação do ano 2000, literalmente, em dezembro minha casa foi assaltada por bandidos armados e levaram meu anel de formatura do curso normal, presente do meu irmão no momento da formatura. Enfim, ano de muita aprendizagem, dentro e fora da escola.

Fim do ensino médio, fim da década, início de um novo século, adeus período dos disquetes, discman, tazo, papéis de carta etc.), não imaginava que passaria por tantas transformações da sociedade, e junto à tecnologia evolui, meio desajeitada e um pouco fora de contexto, mas sempre em movimento.

Entrar para a faculdade não foi instantâneo, nem um caminho linear e natural. Aos 18 anos, já professora de 1ª a 4ª série, fui para a prática, dei aula em duas escolinhas de bairro, em uma delas fui selecionada, inclusive, por conta da redação que fazia parte do processo de contratação, fruto das aventuras pelo mundo da leitura. Logo de início percebi estar no lugar certo, embora o cansaço tenha retirado minhas forças de almejar a universidade

naquele momento, mas essa intenção era concreta, apenas sendo adiada. Depois de 2 anos lecionando surgiu a oportunidade de trabalhar como agente comunitária de saúde, que fazia parte do Programa de Saúde da Família (PSF), era um salário melhor e possibilitaria fazer um curso pré-vestibular. No ano corrente fazia um pré-vestibular comunitário, que me ajudava a não desistir deste sonho.

E foi, enquanto agente de saúde, andando como um camelo, passando por diversas realidades sociais, que comecei a estudar de verdade, continuava não gostando de matemática com todas as minhas forças. Meu vestibular foi difuso, na época, em 2003, se fazia prova para todas as universidades em separado. Eram finais de semana de provas, de novembro a janeiro. Pelo envolvimento com o PSF fiz vestibular para enfermagem - no meio do caminho tinha uma pedra (Drummond de Andrade) - não passei de imediato, assim havia pensado.

Já em 2004 retomando os estudos, recuperando meu desejo de continuar sendo professora descobri que havia perdido a reclassificação para enfermagem na UERJ, nesta época era mais difícil o acesso à informação. Havia passado e perdido, hoje entendo o ditado “escrever certo por linhas tortas”. Continuei meus estudos, agora tentando ciências biológicas, e passei também para a UERJ, para a Faculdade de Formação de Professores - FFP em SG, foi nesta casa, que pela 2ª vez, pisei em um espaço de pertencimento e conquista. Sempre passava em frente e almejava um dia estar ali, como se já tivesse um vínculo, uma vida passada e futura, um compromisso de ascensão com minha cidade e comigo mesma. Dessa vez usei GPS e direcionei meu veículo para onde queria parar. Entrar em uma faculdade, não foi só resultado de estudo, mas de família e pessoas queridas me apoiando, acreditando, de muitas renúncias por toda uma vida (quem vive em local esquecido socialmente irá entender). E foi assim que uma professora virou professora de novo.

Durante o 2º ano de pré-vestibular encontrei professores que contribuíram para ambas as minhas paixões, a biologia e a literatura. Recitei minhas poesias pela primeira vez em um evento (sem que fosse na escola), “Uma noite na Taverna” por intermédio do professor, poeta e escritor gonalense Rodrigo Santos. A partir de então minha escrita deixou de ser apenas terapia.

Entrei na universidade pública, por meio de cotas de escola pública, fui bolsista por cota, Faperj e CNPQ na iniciação científica. Embora tenha entrado um pouco mais tarde na faculdade, acredito que tenha sido a hora certa, o amadurecimento ajuda muito nas escolhas mais sábias. Foi nesta faculdade, minha 2ª mãe, costume dizer, que fui novamente educada para a vida.

Durante o primeiro ano de faculdade ainda era agente de saúde, mas em todos os próximos anos dei aula, até os dias de hoje, sempre revezando com os estágios. A biologia é muito ampla, ela conversa com diversas áreas e passeia por todas as esferas da sociedade, civil, privada e pública. Meu primeiro estágio na prática foi com porifera (esponjas marinhas) no Museu Nacional, pela UFRJ. Tive o prazer de desfrutar de todo este acervo histórico e patrimônio mundial, antes de virar pó, incêndio ocorrido em 2018.

Depois, tive a oportunidade de trabalhar como educadora ambiental Júnior na ONG Ecomarapendi, onde pude exercer a educação por uma perspectiva diferente, pela 3ª vez me reconheci no lugar certo, pesquisaria sobre isso por toda a vida. E foi em um espaço de ensino não-formal que fortaleci a certeza de qual área seguir e continuar sendo docente. Neste espaço guiava grupos escolares por exposições sobre resíduos sólidos, participava e ministrava palestras, estudava e dava consultoria sobre lixo e ambiente. Trabalhei com pessoas envolvidas e que muito me ensinaram sobre meio ambiente.

Minha faculdade era tarde e noite, me desdobrei por longos 4 anos e meio, entre estudo, trabalho e estágios. No meio da faculdade casei e pude mudar para próximo da universidade, isso me possibilitou conciliar ainda mais esta rotina louca.

Já certa da área que ia seguir, terminei a graduação em 2009, fiquei dando aula e trabalhando na ONG, não mais como “Júnior”. Em 2011 iniciei a especialização em gestão ambiental no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ, primeira turma de uma pós-graduação gratuita, a entrada era como uma seleção de mestrado. Na época trabalhava na educação ambiental do licenciamento do aterro sanitário de SG. Neste mesmo ano descobri que estava grávida, em outubro minha primogênita Laís nasceu, continuei estudando (com toda ajuda possível) e terminei com êxito meu curso.

Novamente, após 2 anos, já com minha filha maior, encarei a seleção do mestrado (período este um pouco conturbado pela autoestima). Ufa, estudo, cursinho de inglês... e fui aprovada na seleção para o curso “Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade”, retornando a minha casa FFP - UERJ. Minha filha nasceu de parto normal, mas este mestrado findou através de um parto difícil, sendo mãe e trabalhando em dois lugares diferentes, dar à luz a uma dissertação foi doloroso. Mas, enfim, nasceu, em 2016, linda e cheia de conteúdo a minha obra, intitulada “Além dos muros da escola: interpretação socioambiental da área de proteção ambiental do Engenho Pequeno - SG, RJ”.

Também em 2016 comecei a lecionar para o curso superior semi-presencial de biologia do CEDERJ, Consórcio de Universidades Públicas do RJ. Experiência maravilhosa, inclusive ministrando aulas práticas na Área de Proteção Ambiental - APA, onde havia sido meu estudo do mestrado. Fiquei por quatro anos e meio. Em 2017 minha dissertação rendeu um capítulo no livro, “Da célula ao ambiente”, organizado por professores da FFP.

E continuando a saga de trabalho como docente, trabalhando de contrato para a prefeitura de Maricá, na escola privada em SG e no CEDERJ, engravidei da minha 2ª filha, a Luísa, que nasceu em meados de 2019. Neste mesmo ano iniciei o processo seletivo para a Força Aérea Brasileira - FAB, e quando retornaria da licença maternidade fomos surpreendidos pela pandemia da Covid-19, pausa no processo seletivo, aulas online, guerra contra um ser que nem tem vida e toda uma história reescrita. Mudanças de hábitos (tenho um livro escrito sobre este momento), reinvenção da cultura, ascensão dos ifoods, muito conhecimento científico e de humanidade. Período difícil amenizado pelo conforto da minha casa e apoio da família.

Quase no fim deste caos o processo seletivo da FAB retorna, quilos a mais, mobilidade de menos, vamos ao treinamento físico militar, um mês de treino pesado para dar conta da corrida, abdominal e flexão. Tudo certo, em 2020 ingressei nas Forças Armadas para ser professora de ciências e biologia da educação básica, com tempo limitado a 8 anos.

Ainda em face da pandemia, assim que cheguei no CBNB recebi a missão de lecionar à distância para a Escola assistencial da Aeronáutica Caminho das Estrelas, situada na Base Aérea de Alcantara, no Maranhão. Retomando minhas atividades presenciais no Colégio de origem, o CBNB, pude lecionar com ensino fundamental e médio. Participei e coordenei pro-

jetos como feiras de ciências, cultura, assim como eventos de inclusão de temas étnico-raciais, sociais e ambientais (Projeto Saravá e Jequitinhonha), auxiliando os alunos em suas pesquisas e descobertas científicas. Coordenei o curso pré-vestibular e fui adjunta do curso preparatório militar, testemunhando a evolução e interesse dos alunos, que foram aprovados para as mais diversas áreas. Hoje, além das aulas ministradas, do 6º ano do ensino fundamental ao 2º ano do ensino médio, coordeno o Plano de Sustentabilidade desta organização militar.

Quatro anos já se passaram, mudei de cidade, moro hoje na Ilha do Governador, mesmo local da escola em que leciono. Sou feliz pela minha trajetória educacional, com anseios e perspectivas de um doutorado que ainda há de vir. Enquanto isso, visando a manutenção dos estudos, finalizo minha segunda graduação em pedagogia e uma especialização em direito educacional.

Hoje, em 2025, continuo estudando desde a primeira escolinha lá em 1986, mas posso dizer que sigo conquistando, lendo, escrevendo, e, principalmente, vivendo. Vou colhendo os frutos de meu plantio, em 2024 tive uma poesia publicada, no livro Poetize, seleção de poesias brasileiras, tenho projetos que sairão de rascunhos para livros. E assim, todos os dias, me formo uma cidadã, profissional e pessoa melhor para os meus e para o mundo.